

Parasha Tetsave

A parashá dessa semana chama-se Tetsave e começa com a ordem de Deus para que "os filhos de Israel tragam azeite de oliveira puro para acender a lâmpada eterna (Ner Tamid)" A luz contínua é parte de uma série de exigências que Deus faz a Moshé para a construção do Tabernáculo (Mishkan). Embora não haja mais Mishkan, a Ner Tamid está presente em todas as sinagogas. Seu significado é frequentemente associado às imagens de Deus e da Torá; a chama eterna que nos ilumina com seus ensinamentos.

Um Midrash em Shemot (27:20) sugere que Deus, sendo Ele mesmo a própria fonte de luz, não precisa realmente de luz. A Ner Tamid seria, na verdade, para que as pessoas possam sentir a presença de Deus quando estivessem orando em suas congregações.

Essa inversão me fez lembrar de um conto talmúdico (Megilá 24b), em que os sábios estão discutindo se um cego pode ou não liderar a congregação durante as rezas, uma vez que elas incluem o agradecimento à Deus por ter criado a luz. Em um determinado momento Rabi Yossi diz que lamentou todos os dias de sua vida por não compreender o seguinte texto: "E apalparás ao meio-dia como um cego apalpa nas trevas" (Deuteronômio 28-29). Afinal, qual a diferença para um cego se é meio-dia ou se é meia-noite? Até que uma noite, Rabi Yossi encontrou um cego com uma tocha na mão e perguntou-o: "Meu filho, por que você carrega esta tocha?" E ele respondeu: "Enquanto eu tiver essa tocha em mãos as pessoas me verão e me salvarão dos buracos, dos espinhos e dos espiões."

Outro conto, dessa vez não talmúdico, também se utiliza da metáfora da luz. A alegoria da caverna, de Platão, conta a história de um grupo de pessoas aprisionadas em uma caverna, capazes apenas de ver as sombras. Para elas, as sombras são a realidade até que um prisioneiro consegue escapar para fora da caverna. Ao sair, a intensidade da luz é tanta que o cega. Depois de um tempo, seus olhos ajustam-se a claridade e ele percebe a realidade como ela realmente é.

Estupefato com essa descoberta, ele volta para a caverna para avisar seus companheiros que as sombras não correspondem à realidade, ao conhecimento verdadeiro. No entanto, seus olhos agora acostumados com a luz ficam cegos na escuridão. Os outros prisioneiros, nesse sentido, concluem que sair da caverna causou vários danos ao colega e por isso não deveriam sair de lá nunca.

Embora ambos contos contenham símbolos semelhantes, suas mensagens diferem. Na Alegoria da Caverna a luz é vista como conhecimento, que deve ser alcançado para que se possa conhecer a verdade absoluta. Já no conto talmúdico, a luz não ilumina uma verdade filosófica, mas uma necessidade moral.

Afinal, uma pessoa que vê não consegue enxergar um cego quando está escuro. No entanto, quando ele acende uma tocha, é possível enxergá-lo e, assim, ajudá-lo. Nesse conto, ao contrário da alegoria, é aquele que precisa de ajuda que ensina. É o cego, na verdade, que ilumina as pessoas com sua luz.

Assim, quando perdemos nosso senso de responsabilidade social, então somos nós que nos tornamos cegos. A Ner Tamid, portanto, não pode ter como única função iluminar a si mesma, mas expandir sua capacidade de acender outras inúmeras chamas, sem perder, é claro, seu próprio brilho.

Ale VeHagshem,

Danilo Bines – Snif Rio, Shnat 2017